



Presentación Oral – O14M3

A morte precoce do pessegueiro no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil

N.A. Mayer¹ e B. Ueno¹

¹Embrapa Clima Temperado, BR 392, km 78, Caixa Postal 403, CEP 96010-971, Pelotas-RS, Brasil,
e-mail: alex.mayer@embrapa.br; bernardo.ueno@embrapa.br.

No Brasil, a morte precoce do pessegueiro foi observada pela primeira vez no final da década de 1970, em Pelotas-RS. Apresenta sintomas visíveis no inverno (necrose e queda de gemas, necrose sob a casca de ramos e pernadas, exsudação de seiva com odor de vinagre) e na primavera (florescimento irregular ou inexistente e brotações fracas), podendo ocasionar morte de pernadas ou de toda a copa. Em 2007, a Embrapa Clima Temperado iniciou um trabalho de seleção e avaliação de acessos como porta-enxerto para pessegueiro, visando identificar fontes de tolerância. Duas estratégias estão sendo adotadas: a) seleção, resgate e clonagem de porta-enxertos em pomares comerciais afetados pela síndrome; b) uso de mudas autoenraizadas (sem porta-enxerto), cultivares, híbridos interespecíficos e espécies de *Prunus* spp. como porta-enxertos clonais de pessegueiro, visando maior amplitude dos efeitos. Plantas matrizes são mantidas na “Coleção Porta-enxerto de *Prunus*” (220 acessos) e unidades de observação foram estabelecidas em áreas com histórico da síndrome. Com as visitas realizadas a mais de 50 pomares e com execução dos projetos de pesquisa, pode-se resumir as seguintes informações: 1) a maioria dos pomares de pessegueiro amostrados na região de Pelotas-RS apresenta deficiência química no solo, como baixos teores de matéria orgânica (menos de 2%), baixo pH e altos teores de alumínio. Porém, a morte precoce não apresentou relação direta com as variáveis químicas do solo. 2) Existe relação da morte precoce com as características físicas do solo, como teores elevados de areia, pedregosidade, solos rasos e camadas subsuperficiais impermeáveis. Solos com estas características (e não subsolados, na maioria das vezes) são mais suscetíveis ao déficit hídrico no verão e ao encharcamento no inverno. 3) É possível resgatar porta-enxertos de interesse com a decepa da copa abaixo do ponto de enxertia e cloná-los por estacas herbáceas. 4) Dos clones selecionados e testados, seis se destacaram (VEH-AGA-12-04, VEH-AGA-12-06, RB-MAC-12-08, WFM-ESM-07-01, WFM-ESM-07-03 e WFM-ESM-07-04) nos primeiros três anos, com menor incidência de sintomas. 5) ‘De Guia’ e ‘Flordaguard’ estão se destacando pela ausência de sintomas de morte precoce, elevado vigor e produção superior aos tradicionais ‘Aldrighi’ e ‘Capdeboscq’. 6) Plantas autoenraizadas de ‘Maciel’ e ‘BRS-Kampai’ são vigorosas, com produção similar ou superior aos melhores porta-enxertos testados e não apresentaram sintomas de morte precoce. A busca por porta-enxertos tolerantes à morte precoce parece estar também ligada à tolerância aos estresses hídricos (seca e encharcamento), que historicamente ocorrem no Rio Grande do Sul. O “bom porta-enxerto” também deverá ser de fácil propagação vegetativa, vigoroso e que induza satisfatória produção e qualidade aos frutos.

Palavras-chave: seleção clonal de porta-enxerto, avaliação de porta-enxerto, síndrome.